

CATHERINE CROWE

HISTÓRIAS  
DE  
FANTASMA



FREE BOOKS

FREE BOOKS



**CATHERINE CROWE**

**HISTÓRIAS DE  
FANTASMA**

**Tradução de Paulo Soriano**

**Free Books  
2023**

## Sumário

O CRIME INVISÍVEL.....	5
A MACABRA DESCOBERTA DE BILLING .....	9
AS REVELAÇÕES DO CEGO ASSASSINADO .....	13
A CASA MAL-ASSOMBRADA .....	23
O FANTASMA DA AIA.....	28
A CASA DE CAMDEN HILL .....	33
O SONHO DE JOSEPH WILKINS .....	40
O FANTASMA DO MENINO ACORRENTADO .....	43
O ESPECTRO SEM CABEÇA .....	61
A CAMPONESA POSSUÍDA .....	72
A PEQUENA POSSUÍDA DE STEINBACH .....	76
UMA ESTRANHA APARIÇÃO .....	78
A SINGULAR REALIZAÇÃO DE UM SONHO FATÍDICO .....	82
OS FILHOS MORTOS DO SR. B— .....	85
A DÍVIDA PÓSTUMA .....	88
REPARAÇÃO <i>POST MORTEM</i> .....	93
CRÉDITOS .....	97

## O CRIME INVISÍVEL

Em 1842, no bairro de Marylebone, demoliram uma casa que já não atraía inquilinos há muitos anos, e cujos proprietários não estavam dispostos a gastar mais dinheiro com reformas.

Seus últimos habitantes foram o major W..., sua esposa, seus três filhos e uma criada.

O major W..., que exercia um digno cargo na Intendência Militar, havia insistido inúmeras vezes junto a seus superiores para que lhe fosse permitido mudar de residência (o aluguel do imóvel estava a cargo da Intendência Militar). Como esta autorização demorava, alegou, para justificar a sua reiterada insistência, que a casa era mal-assombrada da forma mais desagradável.

Todas as noites, a porta da sala de estar se abria violentamente, ouvia-se

um ruído de passos apressados, uma respiração rouca e, depois de dois ou três terríveis gritos, a pesada queda de um corpo no chão.

Frequentemente, encontravam os móveis revirados, sobretudo quando situados no canto da sala que dava para o Norte.

Depois, o silêncio era restabelecido. Mas, cerca de quinze minutos depois, ouvia-se algo semelhante a passos frenéticos, a um soluço e, finalmente, a um terrível estertor.

O major W.... acabou por proibir que os seus familiares adentrassem aquela sala. Até mesmo obstruiu a porta. Antes, porém, fez com que estes acontecimentos fossem testemunhados por vários de seus companheiros de caserna. Com efeito, o relatório que apresentou estava assinado pelo lugar-tenente da Intendência E..., pelo capitão S... e pelo comissário de mantimentos E...

Procedeu-se a uma investigação e muito depressa descobriu-se uma trágica história.

No ano de 1825, a casa era habitada pelo joalheiro C... e sua esposa. Esta última, muito mais nova que o marido, levava uma vida desregrada, licenciosa e dissipava enorme somas de dinheiro.

Malgrado o infeliz C... lhe houvesse perdoado muitas vezes os seus caprichos, ela não parecia querer corrigir-se. Ao contrário, sua vida era cada vez mais escandalosa.

C..., compelido pela amargura e pelo ciúme, entregou-se à bebida.

Certa noite, ele voltou embriagado, decidido a pôr fim aos seus infortúnios.

Armado de um cutelo de sapateiro, avançou para a mulher, que fugiu para o salão. Mas C... a alcançou e, com um só golpe de sua arma, a decapitou. Permaneceu um longo tempo mudo, horrorizado com o crime que cometera e, depois, enforcou-se.

Desde então, as cenas deste horrendo assassinado se reproduziam a cada noite, de uma forma perfeitamente audível, mas as aterrorizadas testemunhas nunca viram a aparição. Apenas ouviam os ruídos fantasmagóricos, que se repetiam com uma perfeita precisão.

O requerimento do major W... teve resultados favoráveis e, desde então, a casa permaneceu desocupada até o dia em que caiu sob as picaretas dos demolidores.



## A MACABRA DESCOBERTA DE BILLING

Um acontecimento singular, ocorrido em Colmar, no jardim do poeta Pfeffe<sup>1</sup>, tornou-se conhecido por vários escritos. Os fatos essenciais são os seguintes:

O poeta, sendo cego, empregou um jovem clérigo, da Igreja Evangélica, como secretário. Quando saía, Pfeffel apoiava-se a este jovem, que o conduzia. Enquanto caminhavam por um jardim, a alguma distância da cidade, Pfeffel notava que, sempre que passavam por um determinado local, o braço de Billing tremia e ele traía alguma inquietação.

---

<sup>1</sup> Gottlieb Konrad Pfeffel (1736 – 1809), poeta alemão, cujos textos foram musicados por Beethoven, Haydn e Schubert.

Ao ser questionado, o jovem confessou, com relutância, que tantas vezes quanto passava por aquele local, algumas sensações o oprimiam a ponto de não conseguir controlar-se. Disse que conhecia bem aquela sensação, pois sempre a experimentava quando passava por qualquer lugar onde haviam sido sepultados corpos humanos. Acrescentou que, à noite, quando ele se aproximava de tais lugares, via aparições sobrenaturais.

Pfeffel, com o objetivo de curar o jovem do que ele considerava mera fantasia, foi com ele, naquela noite, ao jardim. À medida que se aproximavam do local, Billing percebeu uma luz fraca a cintilar na escuridão e, quando chegou ainda mais perto, viu uma figura fantasmagórica, luminosa, flutuando sobre o local. Ele a descreveu como uma forma feminina, com um braço cruzado sobre o corpo e o outro pendurado. O espectro flutuava numa postura ereta,

mas tranquila, com os pés a apenas um palmo ou dois da superfície.

Pfeffel seguiu sozinho — já que o jovem se recusou a acompanhá-lo — até o local onde a figura estava, e avançou em todas as direções com a sua bengala, chegando mesmo correr em meio as sombras. Apesar disto, espectro não foi mais afetado do que teria sido uma labareda. A forma luminosa, de acordo com Billing, sempre retornava à posição original após essas investidas.

Durante vários meses, fizeram-se investigações no local, e numerosos grupos de pessoas para lá acorreram, mas a questão permaneceu como estava. O vidente, todavia, continuava aferrado à séria e inabalável convicção de que algum ente humano estava enterrado no jardim.

Por fim, Pfeffel mandou cavar no lugar. A uma profundidade considerável, encontraram uma camada firme, muito espessa, de cal branca, do

comprimento e largura de uma sepultura. Transposta a camada, descobriram-se ossos de um ser humano.

Era evidente que alguém havia sido enterrado no local e coberto com uma espessa camada de cal viva, como geralmente é feito em épocas de pestilência, de terremotos e outros eventos semelhantes.

Os ossos foram removidos, a cova coberta, a cal espalhada no exterior e a superfície novamente aplanada. Quando trouxeram Billing de volta ao local, os fenômenos não voltaram a acontecer, e o espírito noturno havia desaparecido para sempre.

## AS REVELAÇÕES DO CEGO ASSASSINADO

Um fato dos mais notáveis aconteceu em Odessa no ano de 1842.

Um velho cego, chamado Michel, ganhava a vida, há muitos anos, sentando-se todas as manhãs num estrado de madeira, com uma tigela de mesmo material a seus pés, na qual recolhia as esmolas lançadas pelos transeuntes. Esta prolongada prática o tornara bem conhecido entre os habitantes de Odessa e, como acreditavam que era ele um ex-soldado, atribuíam a sua cegueira aos inúmeros ferimentos sofridos em batalha. O cego, todavia, conservava-se silencioso e jamais contradisse tal opinião.

Certa noite, Michel, por acaso, encontrou uma menininha de dez anos, chamada Powleska, que não tinha companhia e estava à beira de sucumbir

ao frio e à fome. O velho a levou para casa e a perfilhou. E, desde então, em vez de sentar-se no banco de madeira, passou a andar pelas ruas acompanhado da garota, pedindo esmola às portas das casas. A criança o chamava de pai, e eles eram extremamente felizes juntos.

Já levavam esta vida há cerca de cinco anos, quando um infortúnio se abateu sobre eles. Numa casa que visitaram naquela manhã, um furto havia sido praticado. Powleska, suspeita do crime, foi presa e o velho cego deixado novamente sozinho. Mas, em vez de retomar os seus antigos costumes, o pobre homem desapareceu completamente, e esta circunstância fez com que a suspeita se estendesse também a ele.

A garota foi conduzida à presença do magistrado para ser interrogada quanto ao provável esconderijo do ancião.

— Você sabe onde está Michel? — perguntou o magistrado.

— Ele está morto! — respondeu a moça, derramando uma torrente de lágrimas.

Como a jovem estava presa há dias — e, portanto, sem qualquer meio de obter informações de fora —, essa resposta, aliada à sua sincera aflição, provocou nos presentes uma surpresa considerável.

— Quem lhe disse que ele está morto? — perguntaram.

— Ninguém!

— Então, como você pode saber disto?

— Eu o vi morto!

— Como, se você não saiu da prisão?

— Mas, mesmo assim, eu o vi morto!

— Mas como pode ser possível? Explique-nos o que você quer dizer!

— Não posso. Tudo o que posso dizer é que eu o vi morto.

— Quando ele foi morto? E como?

— Foi na noite do dia em que me prenderam.

— Não pode ser; ele estava vivo quando a prenderam.

— Sim, ele estava vivo. Porém, foi morto uma hora depois. Apunhalaram-no com uma faca.

— Onde você estava então?

— Não sei dizer. Mas eu o vi morrer.

A convicção com que a moça dizia aquelas coisas impossíveis e absurdas fazia-os pensar que ela realmente estava doida ou fingia-se de louca. Assim, deixando Michel de lado, eles passaram a interrogá-la sobre o furto. Perguntaram-na se era culpada.

— Ah, não! — ela respondeu.

— Então, como a encontraram na posse do pertence furtado?

— Não sei. Não vi nada além do assassinato.



— Mas não há motivo para supor que Michel está morto: o seu corpo não foi encontrado.

— Está no aqueduto.

— E você sabe quem o matou?

— Sim. Foi uma mulher. Michel saiu andando, bem devagar, depois que eu fui tirada dele. Uma mulher seguiu-o com uma grande faca de cozinha. Mas ele a ouviu e se virou. A mulher, então, jogou-lhe algo cinzento em sua cabeça, e o golpeou repetidamente com a faca. O trapo cinza ficou muito manchado de sangue. Michel caiu ao oitavo golpe, e a mulher arrastou o seu corpo até o aqueduto e lá o deixou caído, sem tirar o trapo que grudara no rosto dele.

Como era fácil verificar essas últimas afirmações, eles enviaram agentes ao local. Lá, o corpo foi encontrado, com o trapo sobre a cabeça, exatamente como ela havia descrito. Mas quando lhe perguntaram como sabia de tudo isso, ela limitou-se a responder:

— Não sei.

— Mas você sabe quem o matou?

— Não exatamente. Foi, contudo, a mesma mulher que lhe arrancou os olhos. É possível que ele me diga o nome dela hoje à noite. Se ele o disser, contarei a vocês.

— Quem você quer dizer com *ele*?

— Ora, Michel, com certeza!

Naquela noite, sem permitir que ela suspeitasse de suas intenções, eles ficaram a observá-la. Viram que a garota não se deitara, senão permanecera sentada no catre, envolvida por uma espécie de sono letárgico. Seu corpo conservava constante imobilidade, exceto nos intervalos em que o repouso era interrompido por violentos espasmos nervosos, que permeavam todo o seu corpo.

No dia seguinte, quando levada à presença do juiz, ela declarou que agora poderia dizer-lhes o nome da assassina.

— Mas, vejamos — disse o magistrado. — Michel nunca lhe contou, quando vivo, como perdeu a visão?

— Não, mas ele me prometeu que, na manhã do dia em que eu fui presa, me contaria.

— Como assim?

— Na noite anterior, Michel veio até mim e indicou-me um homem escondido atrás do andaime no qual ele e eu estávamos sentados. Ele me mostrou o homem, que nos escutava, e disse: “Vou contar-lhe tudo amanhã.” Então o homem...

— Você sabe o nome desse homem?

— É Luck. Ele, seguida, meteu-se por uma rua larga, que leva ao porto, e entrou na terceira casa à direita...

— Qual é o nome da rua?

— Não sei. Mas a casa é um andar mais baixo que as outras vizinhas. Luck disse a Catherine o que tinha ouvido, e ela lhe propôs assassinar Michel. Mas ele se recusou a fazê-lo, dizendo: “Já não

fomos pérfidos o suficiente quando lhe queimamos os olhos, há quinze anos, enquanto ele dormia à nossa porta, e, depois, o arrastamos para o campo?”. Então, entrei para pedir esmolas e Catherine colocou um pratinho no meu bolso, para que eu fosse presa. Depois, ela se escondeu atrás do aqueduto para esperar por Michel e o matou.

— Mas, já que você diz tudo isso, por que guardou o pratinho? E por que não nos contou nada disto?

— Ora, até então, eu não tinha visto o sucedido. Somente ontem à noite Michel me mostrou o que aconteceu.

— Mas o que induziu Catherine a cometer o crime?

— Michel era seu marido, mas ela o abandonou para fugir à Odessa e se casar novamente. Uma noite, há quinze anos, ela viu Michel, que viera à sua procura. Ela entrou rapidamente em casa, e Michel, acreditando que não havia sido visto, deitou-se à porta para

observá-la. Mas ele adormeceu. Luck, então, queimou os seus olhos e o carregou para longe.

— E foi Michel quem lhe contou isso?

— Foi. Michel veio a mim, muito pálido e coberto de sangue. Ele me tomou pela mão e me mostrou tudo isto com os dedos.

Por conta do depoimento da jovem, Luck e Catherine foram presos. Verificou-se que ela realmente havia se casado com Michel no ano de 1819, em Kherson. A princípio, eles negaram a acusação, mas Powleska insistiu e, posteriormente, confessaram o crime.

Quando informaram as circunstâncias da confissão a Powleska, ela disse:

— Eu já sabia: contaram-me ontem à noite.

Este caso, naturalmente, despertou um grande interesse, e as pessoas de

toda a redondeza correram à cidade para  
ouvir a sentença.

## A CASA MAL-ASSOMBRADA

Numa ruela estreita de curvas abruptas, que ligava St. Mary Axe a Bishopgate, um incêndio de escassas proporções, ocorrido numa bela e antiga casa senhorial, pertencente à família L..., chamou a atenção da polícia.

O imóvel estava cuidadosamente fechado. As portas e as janelas do rés do chão estavam reforçados com cadeados, apesar de possuírem fechaduras próprias, e nos muros do jardim havia placas que alertavam os imprudentes do perigo que correriam, caso se introduzissem na vivenda, dada a existência de armadilhas.

Como uma casa vizinha se havia incendiado, os homens do corpo de bombeiros tiveram que entrar na mansão proibida pelos telhados. Durante o breve período em que permaneceram nela, foram

importunados de várias maneiras e de um modo absolutamente incompreensível.

Utensílios em desuso foram lançados sobre suas cabeças; um deles, empurrado, caiu perigosamente escada abaixo, e o chefe da brigada foi mordido na perna sem saber por quem ou por quê.

Após estes acontecimentos, as autoridades interrogaram Sir L..., que reconheceu, com desgosto, que a casa era mal-assombrada e absolutamente inabitável.

Alguns anos antes, ele havia herdado essa propriedade de seu tio Sir F. G., um velho excêntrico rico e ganancioso, que vivia ali com uma restrita criadagem.

Sir L... passava a maior parte do ano em sua propriedade em Kent e, no inverno, mudava-se para um apartamento alugado em Holborn. Com a morte de Sir F. G., ele desistiu desse



apartamento e foi morar em sua nova propriedade, em St. Mary Axe, com sua esposa, quatro filhos e seis empregados.

Mas, desde os primeiros dias, fenômenos perturbadores e inexplicáveis tornaram a vida da família impossível.

Durante as refeições, as toalhas de mesa eram retiradas bruscamente e as louças jogadas no chão; na cozinha, apagava-se o fogo, produzindo densas colunas de vapor e fumaça, como se tivesse acabado de ser varrido por uma inundação. À noite, apagavam-se as velas das pessoas e estas, várias vezes, durante o sono, eram cruelmente golpeadas, arranhadas e até mordidas por seres invisíveis.

Temendo pela saúde e, também, pela sanidade mental de sua esposa e filhos, ameaçado de perder seus serviços e recusando-se a expor qualquer possível inquilino a tais experiências, Sir L... decidiu trancar a

casa mal-assombrada e abandoná-la aos fantasmas, que pareciam tê-la escolhido como moradia.

Sir L... alegou que nunca tinha visto os espectros malévolos, mas tinha ouvido seus gritos e risos que, não obstante, eram fracos e pareciam ser ouvidos de longe.

Apenas duas criadas, ocupadas em lavar os legumes na cozinha, foram surpreendidas, certo dia, pelo súbito aparecimento de três crianças sujas e quase nuas, cujas expressões revelavam ódio e maldade. Elas desapareceram tão abruptamente quanto apareceram, "sibilando como serpentes".

Lady L... declarou que, certa noite, ao voltar do teatro, havia se instalado alguns minutos em frente à lareira de uma das salas do pavimento. De repente, sentiu uma forte lufada de ar gelado na nuca e, acreditando que a porta se abrisse, se virou. No entanto, a porta estava fechada, mas ela pôde vislumbrar, perto

do teto, um rosto horripilante olhando para ela.

Gritou por socorro, e aquele rosto desapareceu instantaneamente.

Não sabemos se as autoridades insistiram com Sir L... para que lhes autorizasse uma investigação. Acreditamos que não, porque, na realidade, nenhum crime ou delito fora cometido naquela mansão.

## O FANTASMA DA AIA

Um fato deveras singular sucedeu à talentosa autora de "Cartas do Báltico", do qual meus leitores podem formular a interpretação que lhes aprouver. Ei-la:

Na noite anterior à sua partida de Petersburgo, ela passou na casa de um amigo. O cômodo que lhe destinaram era um grande refeitório, no qual puseram uma cama provisória e um biombo disposto de maneira a conferir uma atmosfera confortável ao recanto onde ficava o leito em que ela se recolheu para dormir. Ninguém que a conheça pode suspeitar que ela experimentara meras ilusões espectrais ou que fora incapaz de saber exatamente aquilo que via.

Como deveria dar início à sua viagem no dia seguinte, pedira para ser chamada uma hora antes de partir. Assim, no dia seguinte, ela se viu

acordada por uma velha mulher, vestida com um traje russo completo, que olhou para ela e acenou-lhe com a cabeça, a sorrir, com isto querendo dizer, conforme supunha a escritora, que era hora de se levantar.

Sentindo-se, porém, muito sonolenta, e muito pouco disposta a fazê-lo, pegou o relógio sob o travesseiro e, olhando-o, percebeu que eram apenas quatro horas da manhã.

Como, pela roupa da velha, ela sabia que era russa — e, portanto, provavelmente não entenderia nenhuma palavra que pudesse pronunciar —, balançou a cabeça e apontou para o relógio, dando-lhe a entender que ainda era muito cedo.

A mulher olhou para ela, acenou com a cabeça e saiu, enquanto a viajante se deitava novamente e logo adormecia.

De súbito, uma batida na porta, seguida da voz da empregada, que ela pretendia chamar, a despertou. Mandou

que entrasse. Estando, todavia, a porta trancada por dentro, ela teve que sair da cama para recebê-la.

Ocorreu-lhe, agora, perquirir como a velha havia entrado anteriormente, mas, tomando como certo que haveria algum outro meio de entrada, não vez caso disto. Tendo-se vestido, desceu para o café da manhã.

Naturalmente, como de costume, perguntaram à hóspede se dormira bem.

— Perfeitamente — disse ela. — Só que uma de suas boas pessoas de casa estava ansiosa demais para acordar-me pela manhã.

Então ela mencionou a visita da velha. Mas, para sua surpresa, eles declararam que não tinham tal pessoa na família.

— Deve ter sido alguma velha aia, ou lavadeira, ou alguém assim — sugeriu ela.

— Impossível — responderam. — Você deve ter sonhado estas coisas. Não

temos nenhuma senhora idosa em casa, e ninguém usa uniformes assim. E pessoa alguma poderia ter entrado, eis que a porta já estava trancada.

Os criados confirmaram plenamente aquelas assertivas.

Acrescento, ainda, que a casa, como as casas estrangeiras em geral, consistia num apartamento, ou piso, fechado por uma porta que o separava inteiramente do resto do prédio e, estando no alto da rua, ninguém poderia aceder a ele por uma janela.

A senhora, começando a ficar intrigada, perguntou se havia alguma segunda entrada no quarto. Mas, para sua surpresa, disseram-lhe que não havia. Então ela mencionou que havia trancado a porta ao ir para a cama, e assim a encontrou pela manhã.

O acontecimento permaneceu, para sempre, totalmente inexplicável, e a família, que ficou muito mais espantada com isso do que ela mesma, acreditaria

de bom grado ter sido apenas um sonho.  
Mas, seja qual for a interpretação que se  
dê ao caso, ela se sente bastante segura  
de que não é essa a verdade.



## A CASA DE CAMDEN HILL

A casa em que morava o casal B..., em Camden Hill, nada tinha de especial, salvo o grande número de quartos, todos confortáveis.

O senhor e a senhora B... a haviam alugado, por um preço razoável, de um homem de negócios de Temple com a intenção de convertê-la numa pensão, onde poderiam alojar modestos funcionários ou empregados da vizinhança.

No começo, graças à módica hospedagem, o negócio prosperou, mas, num belo dia, um jovem empregado, de nome Rose, foi embora repentinamente, alegando que o seu quarto era mal-assombrado.

Os esposos B... jamais haviam ocupado aquele quarto, um cômodo espaçoso que dava para o jardim. Deste modo, antes de voltar a alugá-lo,

decidiram comprovar por si mesmos o que acontecia nele.

Desde a primeira noite, tiveram de reconhecer que Rose não havia mentido.

Entre uma e duas horas da madrugada, a senhora B... foi acordada por um estranho ruído, “como o de um enorme gato arranhando as unhas no assoalho”.

Quase ao mesmo tempo, seu marido também acordou e os dois escutaram, em silêncio, como o estranho ruído aumentava e diminuía em intensidade, como se o seu misterioso autor se aproximasse e distanciasse, num vai-e-vem, da cama.

Finalmente, o senhor B... não se conteve e gritou:

— Quem és e o que fazes aqui?

O ruído cessou, mas, um segundo depois, as colchas e os lençóis foram arrastados violentamente.

A senhora B... acendeu uma vela que tinha perto de si. No quarto não

havia nada estranho, mas não houve como encontrar os lençóis e as colchas.

Eles se levantaram, fecharam o quarto à chave e foram passar o resto da noite em seu dormitório.

Na manhã seguinte, voltaram ao quarto de Rose e encontraram os lençóis e as colchas enrodilhados sobre a cama. As colchas, de lã grossa, estavam intactas, mas os lençóis estavam completamente convertidos em tiras.

A senhora B... se negou a repetir a experiência, mas o seu marido obstinou-se em realizá-la. Na noite seguinte, ele voltou a instalar-se no quarto mal-assombrado.

Desta vez, manteve uma lamparina acesa sobre a cabeceira da cama.

Demorou muito a dormir, mas quando já estava a cair no sono, despertou sobressaltado com o mesmo ruído da noite anterior.

O senhor B... ergueu o corpo e viu, à luz da lamparina, um velhinho de aspecto miserável, pobrementemente vestido, de pé, no centro do quarto. Trajava um curioso casquete de pele de gato e mirava o homem com manifesta desconfiança.

Apesar de estar bastante assustado, o senhor B... perguntou ao misterioso intruso quais seriam as suas intenções. À guisa de resposta, o velho começou a bufar ruidosamente como um gato encolerizado e tentou agarrar os lençóis.

Então o senhor B... se deu conta de que aquelas mãos descarnadas eram extraordinariamente longas e que terminavam em desmesuradas unhas.

Por acaso, o senhor B... havia posto a seu alcance uma vara de junco. Tomou-a e com ela tentou acertar o visitante noturno.

Não encontrou resistência alguma e a vara perpassou o ancião como se este fosse fumaça.

Então o fantasma retrocedeu, lançando gestos de ameaça. E, fundindo-se à parede, desapareceu. A noite terminou tranquilamente.

O casal B... tirou os móveis do quarto, que foi definitivamente fechado. O fantasma não perturbou a paz dos outros quartos.

Mas, aproximadamente dois anos depois, o casal relatou um estranho fato acontecido a um marinheiro de Kingston, que viera visitá-los.

O marinheiro era um homem robusto e de um sólido senso comum. Por cortesia, não quis pôr em dúvida as afirmações de seus primos, mas decidiu passar a noite no quarto mal-assombrado.

Para tal fim, mobiliaram o recinto com uma pequena cama de campanha, uma mesinha de cabeceira e uma

cadeira, e colocaram uma lamparina acesa no consolo da lareira.

Porque não dava o mínimo crédito a histórias de fantasmas, o marinheiro muito pouco demorou a adormecer.

Havia fechado o quarto à chave e reforçado a porta com um sólido ferrolho.

Entre uma e duas horas da madrugada, foi despertado por uma forte sacudidela em sua cama e viu o velhinho do barrete de pele de gato a observá-lo com grande fúria.

Quando o marinheiro se dispunha a levantar-se, o fantasma retrocedeu, bufando como um gato furioso e desapareceu. Em seguida, ouviram-se muitas batidas de grande violência contra e dentro das paredes, e um enorme pedaço de gesso se despreendeu do teto. Mas o espectro não voltou a aparecer.

Pouco depois, o casal B... foi embora de Londres para se estabelecer

em Kingston e não mais se soube de da  
casa de Camden Hill.

## O SONHO DE JOSEPH WILKINS

Joseph Wilkins, um clérigo dissidente da Igreja da Inglaterra, conta que, certa noite, ao dormir, sonhou que estava viajando para Londres, e que, como Gloucestershire estava no itinerário, resolveu visitar a casa de seus pais.

Encontrando a porta da frente fechada, deu a volta por trás e entrou pelos fundos.

A família, entretanto, já havia se retirado para dormir. Ele subiu as escadas e entrou no quarto de seu pai, a quem encontrou dormindo. Mas a sua mãe estava acordada. Dirigindo-se a ela, disse-lhe:

— Mãe, vou fazer uma longa viagem, e vim para me despedir-me da senhora.



Ela, então, respondeu:

— Oh, meu filho querido, você está morto!

Embora impressionado com a nitidez do sonho, o Sr. Wilkins não deu importância a ele, até que, para sua surpresa, chegou uma carta de seu pai — dirigida a ele mesmo, se vivo, ou, se não, a seus amigos sobreviventes —, suplicando uma resposta imediata, pois estava profundamente temeroso de que seu filho estivesse morto, ou em perigo de morte.

Dizia a carta que em tal noite (e indicava aquela em que o sonho acima havia ocorrido), estando ele — o pai — a dormir, mas a Sra. Wilkins acordada, esta havia ouvido, claramente, alguém tentar abrir a porta da frente, seguindo, então, rapidamente, para os fundos, por onde entrou na casa. Ela havia reconhecido perfeitamente os passos de seu filho, que subiu as escadas e entrou no quarto, dizendo-lhe:

— Mãe, vou fazer uma longa viagem, e vim despedir-me da senhora.

Ao que ela respondeu:

— Oh, filho querido, você está morto!

Muito alarmada, ela acordou marido e contou o que acontecera, assegurando-lhe que não fora um sonho, pois ela não havia adormecido.

O Sr. Wilkins menciona que esta curiosa circunstância ocorreu no ano de 1754, quando morava em Ottery; e que ele, frequentemente, conversava sobre o assunto com a sua mãe, em quem o sucedido deixara impressões mais profundas do que nele mesmo. Mas não lhe sobreveio a morte, nem qualquer outra coisa de extraordinária lhe aconteceu.

## O FANTASMA DO MENINO ACORRENTADO

A seguinte carta, que é deveras interessante, escrita por um membro de uma família inglesa muito distinta, oferece a sua própria explicação ao incidente:

"Como você expressa o desejo de saber que grau de crédito deve ser atribuído a um conto deturpado, publicado, após um lapso de trinta a quarenta anos, como uma 'história de fantasmas comprovada', narrarei os fatos tais como deles me recordo, e que me vieram à mente por incitação de uma filha de Sir William A. C—.

Enviou-me ela o livro em que é narrada a história, pedindo-me que lhe dissesse se nela havia algum fundamento, já que mal podia acreditar na narrativa, pois ela nunca ouvira minha mãe aludir ao incidente. Quando

li a narrativa, fiquei surpreso. Evidentemente, o argumento não fora obtido junto a alguém da família, ou, mesmo, a qualquer pessoa que, à época, estava conosco. No entanto, embora cheios de erros de nomes etc., alguns detalhes chegavam tão perto da verdade que me intrigam. Os fatos são os seguintes:

Acompanhado por Sir James, minha mãe e meu irmão Charles, viajei para o estrangeiro no final do ano de 1786. Depois experimentarmos vários lugares diferentes, decidimos nos estabelecer em Lille, onde boas pessoas nos acolheram e obtivemos cartas de apresentação para várias das melhores famílias francesas. Lá, Sir James nos deixou e, depois de passarmos alguns dias num alojamento desconfortável, alugamos uma casa de família bela e espaçosa, da qual gostamos muito, e cujo aluguel era consideravelmente módico, mesmo para aquela parte do mundo.

Cerca de três semanas depois de instalados em nossa nova residência, fui com minha mãe a um banco com o propósito de entregar a nossa carta de crédito de Sir Robert Herries, e sacar algum dinheiro. Como a quantia nos foi entregue em pesadas moedas de cinco francos, logo nos demos conta de que não podíamos carregá-las e, portanto, pedimos ao banqueiro que as enviasse à nossa residência.

Quando dissemos que vivíamos na Place du Lion D'or, o banqueiro pareceu surpreso e observou que lá não havia qualquer vivenda que nos fosse adequada, 'exceto, de fato,' ele acrescentou, 'aquela que está há muito tempo desabitada, por causa de uma aparição que lá se manifesta'.

Apesar de dizê-lo muito seriamente, com um tom de voz deveras natural, rimos e nos divertimos com a ideia de um fantasma. Mas, ao mesmo tempo, imploramos a ele que não

mencionasse o assunto aos nossos serviçais, para que eles não se deixassem seduzir por fantasias, e minha mãe e eu resolvemos manter entre nós aquele assunto.

— Suponho que seja o fantasma — disse minha mãe, rindo — que nos desperta, com tanta frequência, andando sobre o teto.

Na verdade, tínhamos sido acordados várias noites por passos pesados, que supúnhamos produzidos por um dos criados. Dentre estes, contavam-se três ingleses e quatro franceses; e, entre as criadas, cinco eram inglesas, sendo francesas as demais. Todos os ingleses — homens e mulheres —, finda a nossa viagem, voltaram conosco para a Inglaterra.

Uma ou duas noites depois, novamente acordada pelos passos, minha mãe perguntou a Creswell:

— Quem está dormindo no quarto que fica acima de nós?

— Ninguém, minha senhora — respondeu ela. — Lá em cima fica um sótão grande e vazio.

Numa manhã, cerca de sete a dez dias depois desse incidente, Creswell apresentou-se à minha mãe, dizendo-lhe que todos os empregados franceses falavam em ir embora, porque havia um fantasma na casa. Acrescentou que parecia haver uma estranha história ligada ao local, que se dizia, juntamente com alguma outra propriedade, ter pertencido a um garoto, cujo tutor, que também era seu tio, dispensava-lhe um cruel tratamento, confinando-o numa jaula de ferro. E como a criança desapareceu posteriormente, conjecturou-se que havia sido assassinado. Esse tio, depois de herdar a propriedade, deixou a casa repentinamente e a vendeu ao pai do homem de quem a havíamos alugado. Desde então, embora locada várias vezes, ninguém permanecia na casa mais

de uma ou duas semanas e, por um tempo considerável, não tivera inquilino algum.

—E você realmente acredita em todas essas tolices, Creswell? —disse minha mãe.

— Bem, não sei, minha senhora. — respondeu ela. —Mas há uma jaula de ferro no sótão, acima do seu quarto. Por favor, a senhora poderia vê-la comigo?

É evidente que nos levantamos para acompanhá-la. E como, naquele momento, estava conosco um velho oficial, com sua Croix de St. Louis, nós o convidamos para nos acompanhar. Então, subimos juntos ao sótão.

Encontramos, como Creswell dissera, um grande sótão vazio, com paredes de tijolos aparentes. Em um de seus cantos ficava a jaula de ferro, semelhante àquelas em que prendem animais selvagens, malgrado mais alta. Tinha cerca de quatro pés quadrados e oito de altura, e havia uma argola de



ferro no fundo da parede, à qual se prendia uma velha corrente enferrujada, com uma coleira metálica presa na extremidade.

Confesso que senti calafrios ao pensar na possibilidade de algum ser humano ter vivido naquela jaula! E nosso velho amigo expressou tanto horror quanto nós, garantindo-nos que, certamente, aquele cárcere fora realmente criado para cumprir alguma terrível finalidade. Como, no entanto, não acreditávamos em fantasmas, concordamos em que os ruídos deveriam proceder de alguém interessado em manter a casa vazia; e, como era muito desagradável imaginar que houvesse meios secretos de entrar-se nela à noite, resolvemos, o mais rápido possível, procurar outra residência, sem, contudo, participar a ninguém o nosso propósito.

Certa manhã, cerca de dez dias depois dessa resolução, minha mãe,

observando que Creswell, quando viera vesti-la, parecia extremamente pálida e doente, perguntou se algo de errado lhe sucedia.

— Realmente, minha senhora — ela respondeu —, nós estamos morrendo de medo. Não podemos, eu e a Sra. Marsh, dormir de novo no quarto em que estamos agora.

— Bem — respondeu minha mãe —, durmam as duas, então, no quartinho disponível ao lado do nosso. Mas o que as assustou?

— Alguém, minha senhora, entrou em nosso quarto à noite. Vimos a figura, mas cobrimos nossas cabeças com as roupas de cama e ficamos deitadas, com um medo terrível, até amanhecer.

Ouvindo isto, não pude deixar de rir. Mas Creswell desatou a chorar. Vendo como ela estava nervosa, nós a confortamos, dizendo que tínhamos ouvido falar de uma boa casa, que nos

calharia bem, e que logo deveríamos abandonar nossa atual habitação.

Algumas noites depois, minha mãe pediu a mim e a Charles que fôssemos ao seu quarto buscar o seu bastidor, para que ela pudesse preparar as suas tarefas para o dia seguinte.

Depois do jantar, subíamos as escadas, à luz de uma lamparina, que estava sempre acesa, quando vimos erigir-se, à nossa frente, uma figura e magra e esguia, com os cabelos escorridos nas costas e com um robe solto e empoeirado. Concluimos prontamente que era minha irmã Hannah e gritamos:

—Não adianta, Hannah. Você não pode nos assustar!

Então, a figura se encolheu num recesso na parede. Mas, como não havia ninguém lá quando passamos, concluimos que Hannah havia conseguido, de algum modo, evadir-se pela escada dos fundos.

Quando contamos isto à minha mãe, ela disse:

— Tudo isto é muito estranho, pois Hannah foi para a cama com dor de cabeça antes de vocês subirem as escadas.

Seguindo ao quarto de Hannah, lá a encontramos dormindo profundamente. E Alice, que lá se ocupava de seus afazeres, nos garantiu que a nossa irmã estava deitada há mais de uma hora.

Creswell ficou extremamente pálida quanto lhe contamos o ocorrido. Exclamou que a figura descrita era exatamente aquela que ela e Marsh viram em seu quarto.

Por essa época, meu irmão Harry veio passar alguns dias conosco. Reservamos a ele um quarto cujo acesso ser dava por dois outros lances de escadas, no extremo oposto da casa.

Uma ou duas manhãs depois de sua chegada, quando desceu para o café da manhã, perguntou, aborrecido, à minha

mãe se ela achava que ele fora dormir embriagado a ponto de não conseguir apagar a própria vela, já que ela mandara dois malandros franceses para vigiá-lo.

Minha mãe lhe assegurou que jamais lhe passara pela cabeça fazer algo assim. Mas ele persistiu na acusação, acrescentando:

— Ontem à noite, saí da cama e abri a porta. E, à luz da Lua, que se infiltrava pela claraboia, vi o sujeito, com suas vestes soltas, no pé da escada. Se eu não estivesse em camisas, teria ido atrás dele e tomaria satisfações por ter vindo me vigiar.

Porque conseguíramos alugar outra residência, pertencente a um senhor que ia passar uma temporada na Itália, já nos preparávamos para deixar aquela casa. Mas, poucos dias antes de nossa mudança, contamos aquelas circunstâncias ao Sr. e à Sra. Atkyns — velhos amigos nossos da Inglaterra, que

nos visitavam —, frisando como era extremamente desagradável viver em uma casa na qual alguém encontra meios de invadi-la. Não pudéramos, contudo, descobrir naquela conduta outro intento senão o de nos assustar deliberadamente. Acrescentamos que ninguém podia dormir no quarto do qual Marsh e Creswell foram obrigadas a abdicar.

Ouvindo isto, a Sra. Atkyns riu muito e disse que gostaria imensamente de dormir naquele quarto, se minha mãe o permitisse, acrescentando que, com seu pequeno terrier, ela não teria medo de qualquer fantasma que viesse a aparecer.

Como minha mãe não tinha, é claro, objeções a que a sua amiga realizasse aquela fantasia, pediu à Sra. Atkyns que fosse com o marido buscar as roupas de dormir, antes que se fechassem os portões da cidade, já que eles residiam numa área semirrural. O Sr. Atkyns

sorriu e disse que a esposa era muito corajosa. Mas não criou dificuldades e foi apanhar os vestuários em casa.

À noite, a Sra. Atkyns retirou-se com o cãozinho para o quarto designado, aparentemente sem a menor apreensão, enquanto nós nos recolhemos aos nossos.

Quando a Sra. Atkyns desceu na manhã seguinte, ficamos imediatamente impressionados ao ver que ela parecia muito doente. Quando perguntamos se ela também sentira medo, respondeu-nos que fora acordada durante a noite por algo se movendo em seu quarto. Disse que, à luz da lamparina, pôde ver mais claramente uma figura, e que o cãozinho, que era impetuoso e avançava em tudo, permaneceu imóvel, embora ela tivesse se esforçado para fazê-lo reagir à aparição. Vimos, claramente, que ela estava muito alarmada. E quando veio o Sr. Atkyns, empenhando-se por dissipar-lhe aquela impressão,

persuadindo-a de que tudo não passara de um sonho, ela ficou deveras irritada. Não podíamos deixar de pensar que ela realmente tinha visto algo. E minha mãe disse, após a partida da Sra. Atkyns, que, embora não conseguisse acreditar que a aparição fosse realmente um fantasma, sinceramente desejava deixar aquela casa sem ver a figura, já que esta tinha a virtude de apavorar as pessoas.

Faltavam três dias para a nossa mudança. Eu tinha feito um longo passeio e, estando cansado, adormeci no instante em que me deitei. Mas, no meio da noite, fui subitamente acordado, não sei dizer por que motivo, pois os passos sobre o teto, a que nos acostumamos, não nos incomodavam mais. Bem, eu acordei. Estava deitado com o rosto voltado para minha mãe, que dormia ao meu lado, e, como costumo fazer ao acordar, me virei para o outro lado, onde, por causa do calor, o cortinado da cama estava aberto de lado a lado.



Foi quando eu vi, junto a uma cômoda, que ficava entre mim e a janela, uma figura magra e esguia, com as vestes soltas e empoeiradas. Tinha uma mão apoiada nas gavetas, e o rosto voltado para mim. Eu a vi claramente, sob a diáfana luminosidade noturna. Vi um semblante juvenil, comprido, delgado e pálido, dotado de uma — oh! — tão melancólica expressão, que jamais se apagará da minha memória! Eu estava, evidentemente, muito assustado. Mas o meu grande temor consistia em que a minha mãe acordasse e visse aquela aparição. Virei minha cabeça, lentamente, para minha mãe e ouvi-a respirando em bom som, o que denotava um sono profundo. Nesse momento, o relógio na escada bateu quatro horas. Atrevo-me a dizer que se passou quase uma hora até que eu me aventurasse a olhar a figura novamente. Mas, quando criei coragem para volver os olhos em direção às gavetas, nada havia ali. No

entanto, não tinha ouvido o menor som, embora aplicasse os ouvidos com a maior acuidade.

Como você pode supor, não preguei mais os olhos e fiquei feliz quando Creswell bateu à porta, como fazia todas as manhãs, pois sempre a trancávamos por dentro, e era meu dever pular da cama e deixá-la entrar. Mas, nesta ocasião, em vez de fazê-lo, gritei:

— Entre. A porta não está trancada.

Ela respondeu que a porta estava, sim, trancada. Assim, fui obrigado a levantar-me e franquear-lhe a entrada ao quarto, como de costume.

Quando contei à minha mãe o que havia acontecido, ela ficou muito grata por não a ter acordado e elogiou minha resolução; mas como ela sempre esteve em primeiro lugar entre as minhas atenções, isto não era de se admirar. Ela, entretanto, resolveu não arriscar mais uma noite naquela casa. Saímos, pois, naquele mesmo dia, depois de realizar,

com a ajuda dos criados, uma busca minuciosa, a fim de verificar se havia algum meio possível de entrar nos quartos além das vias normais de acesso. A nossa busca, contudo, foi debalde: nada pôde ser descoberto.

Eu creio, pelos erros na indicação dos nomes etc., que o editor das Histórias de Fantasmas Comprovadas deve ter obtido o argumento a partir do relato dos habitantes de Lille.”

Considerando o número de pessoas que estavam na casa, o destemor da família e sua relutância em acreditar no que se chama de sobrenatural, juntamente com o grande interesse que o proprietário daquela grande e bela residência deve ter tido em desvendar a farsa subjacente — se é que houve uma —, acho difícil encontrar qualquer outra explicação para esta estranha história, senão a de que o espírito triste e desiludido daquele pobre menino maltratado, e provavelmente

assassinado, jamais se desvinculou de suas relações terrenas. O pesar impingido pelas suas esperanças frustradas e direitos violados mantinham-no preso ao mundo material.

## O ESPECTRO SEM CABEÇA

Recebi a seguinte narrativa de um senhor — um profissional residente em Londres — que vivenciou estes curiosos acontecimentos:

“Fui criado por um avô e quatro tias, que tinham o dom de ver fantasmas e, portanto, acreditavam em aparições sobrenaturais.

O meu avô havia sido marinheiro e fizera parte da tripulação que navegou ao redor do mundo com Lord Anson<sup>2</sup>. Lembro-me que, quando tinha cerca de oito anos, fui acordado pelos gritos de uma daquelas senhoras, com quem estava dormindo. Os gritos atraíram toda a família, que se reuniu ao seu

---

<sup>2</sup> George Anson, 1º Barão Anson, foi um navegador inglês que realizou uma viagem de circun-navegação entre 1740 e 1744.

redor, para indagar-lhe a causa daquele transtorno. Ela disse que havia visto Nancy ao lado da cama, para a qual se esgueirava. Mal descemos as escadas pela manhã, chegou-nos a notícia de que aquela senhora havia morrido precisamente no instante em que minha tia disse que a vira. Nancy era a esposa de seu irmão.

Outra tia minha, que era casada e tinha uma família numerosa, predisse a morte de meu avô, numa época que não tínhamos motivos para suspeitar de que tal aconteceria. Ele também apareceu ao lado de sua cama; na ocasião, ele estava vivo e saudável, mas morreu quinze dias depois.

Seria tedioso, contudo, enumerar a metade de fatos semelhantes de que me lembro; assim, procederei à narrativa do que aconteceu comigo.

Fui, alguns anos depois, convidado a passar um dia e uma noite na casa de um amigo em Hertfordshire, a quem

conhecia intimamente. Seu nome era B—, e ele havia trabalhado anteriormente como seleiro na rua Oxford, onde fez uma bela fortuna, e agora se aposentara para desfrutar de seu *otium cum dignitate*<sup>3</sup> na bela e rural aldeia de Sarratt.

Num domingo sombrio de novembro, montei meu cavalo para a viagem. Como o tempo prenunciava a chuva, eu certamente teria escolhido algum outro meio de transporte, se não estivesse desejoso de deixar o animal no pátio de feno do Sr. E— para o inverno.

Antes de alcançar o bosque de St. John, as nuvens ameaçadoras romperam-se e, quando cheguei a Watford, estava completamente encharcado. No entanto, prossegui a viagem e cheguei a Sarratt antes que meu amigo e sua esposa tivessem

---

<sup>3</sup> Descanso com dignidade.

voltado da igreja. Assim que retornaram, forneceram-me roupas secas e fui informado de que iríamos jantar na casa do Sr. D—, um vizinho muito simpático. Senti alguma hesitação em me apresentar com tal traje, pois eu estava vestido com um terno completo do Sr. B—, que era um homem robusto, de seis pés de altura, enquanto eu pertencço à classe dos pequenos e franzinos. Minhas objeções, contudo, foram rejeitadas. Fomos, e minha aparência contribuiu muito para a alegria da festa. Às dez horas, nos despedimos e eu voltei para casa o Sr. e a Sra. B—. Logo depois, conduziram-me a um quarto muito confortável.

Fatigado com o meu dia de cavalgada, mergulhei prontamente na cama e logo adormeci. Creio, contudo, que não dormi por muito tempo antes de ser despertado pelo violento latido de cães. Descobri que o barulho havia perturbado tanto os outros quanto a



mim, pois ouvi o Sr. B—, que estava alojado no cômodo ao lado, abrir a janela e mandar que se calassem. Os cães obedeceram à sua ordem e, assim que o silêncio se restabeleceu, adormeci novamente. Todavia, fui novamente acordado por uma pressão extraordinária exercida sobre meus pés. Declaro que, então, eu estava perfeitamente desperto. A luz que se elevava da chaminé brilhava intensamente sobre os pés da cama, e vi a figura de um homem bem-vestido a abaixar-se, apoiando-se na roupa de cama enquanto se inclinava. Ele vestia um casaco azul, com brilhantes botões dourados, mas não vi, sobre os seus ombros, cabeça alguma. O cortinado da moldura do leito, que estava parcialmente lançado para trás, pendia o suficiente para ocultar aquela parte de seu corpo.

A princípio, pensei que fosse meu anfitrião, e, como, de costume, eu havia

deixado as minhas roupas no chão, caídas aos pés da cama, imaginei que ele tivesse vindo para apanhá-las, algo que me pareceu surpreendente. Quando, porém, eu me ergui na cama, e estava prestes a indagar sobre a ocasião de sua visita, a figura passou adiante. Lembrei-me, então, que havia trancado a porta; e, um tanto intrigado, pulei da cama, mas não vi ninguém. Ao examinar o quarto, verifiquei que os únicos acessos àquele cômodo eram a porta pela qual eu havia entrado e uma outra. Ambas, contudo, estavam trancadas por dentro. Espantado e intrigado, voltei a deitar-me e fiquei algum tempo ruminando sobre aquela extraordinária circunstância, quando me ocorreu que eu não havia, ainda, olhado debaixo da cama. Então, saí novamente do leito, esperando encontrar sob ele o meu visitante, quem quer que fosse ele. Fiquei desapontado. Então, depois de olhar para o relógio e verificar que eram duas horas e dez

minutos, voltei à cama, na esperança de descansar um pouco. Mas, infelizmente, naquela noite, o meu sono já fora banido.

Depois de virar de um lado para o outro, e fazer esforços vãos para adormecer, desisti. Fiquei deitado até que os relógios marcassem as sete horas, deixando meu cérebro perplexo em torno da questão de quem poderia ter sido meu visitante da meia-noite; indagava-me, ademais, sobre como ele pudera entrar e sair daquele quarto.

Por volta das oito horas, encontrei meu anfitrião e sua esposa à mesa do café da manhã. Em resposta às hospitaleiras perguntas sobre como eu havia passado a noite, mencionei, primeiro, que tinha sido acordado pelo latido de alguns cães, e que eu tinha ouvido o Sr. B— abrir a janela e ordenar-lhes silêncio. Disse-me ele que dois cães vagabundos haviam entrado no quintal e incomodado as pessoas de casa.

Mencionei, então, aos meu anfitriões, o meu visitante da meia-noite, esperando que eles me explicassem a circunstância ou, então, rissem de mim, dizendo que eu devia estar sonhando. Mas, para minha surpresa, eles ouviram a minha história com grande atenção. Relataram-me, então, a tradição à qual aquele espectro — pois assim o consideravam — estava relacionado.

Aquilo acontecia porque, há muitos anos, um cavaleiro, vestido como eu o descrevera, fora vítima de homicídio naquele aposento. O crime fora praticado em circunstâncias terríveis, já que a cabeça do homem fora decepada.

Quando notaram que eu não me dispunha a aceitar aquela explicação para o mistério — pois, apesar das idiossincrasias de minha família, sempre fui completamente descrente em aparições sobrenaturais —, eles me imploraram que prolongasse minha

visita por um ou dois dias. Pretendiam, neste tempo, me apresentar ao reitor da paróquia, que, a partir de circunstâncias de semelhante natureza, poderia me fornecer provas que não deixariam dúvidas quanto à possibilidade de ocorrência do fenômeno que presenciei. Mas eu já tinha me comprometido a jantar em Watford, no caminho de volta, e confesso, além disso, que, depois do que ouvira, não me senti disposto a render, ao estranho visitante, uma oportunidade de visitar-me novamente. Por isto, recusei a hospitalidade oferecida e despedi-me.

Algum tempo depois, eu estava jantando na rua C—, na companhia de algumas senhoras residentes no mesmo condado, quando, casualmente, aludindo à minha visita a Sarratt, acrescentei que havia vivido ali uma aventura deveras extraordinária, para a qual eu nunca lograra uma explicação. Imediatamente, uma das senhoras me

disse que esperava que eu não tivesse recebido a visita do cavalheiro sem cabeça, de casaco azul e botões dourados, que — dizia-se — era visto por muita gente naquela casa.

Tal é a conclusão deste extraordinário acontecimento, do qual participei. E posso apenas assegurar-lhes que relatei os fatos tais como ocorreram, e que nunca tinha ouvido, em minha vida, uma só palavra acerca da história até que o Sr. B— relatou-me a tradição acima mencionada. Ainda assim, como não acredito em aparições sobrenaturais, sou forçado a supor que todo o caso não foi senão produto da minha imaginação.

Devo acrescentar que o Sr. B— mencionou algumas estranhas circunstâncias relacionadas a outra casa no condado, habitada por um certo Sr.

M—, que foram corroboradas pelas senhoras acima aludidas. Ambas as partes concordaram que, pelos ruídos inexplicáveis que foram ouvidos ali, aquele cavalheiro teve a maior dificuldade em persuadir quaisquer serviçais a permanecer com ele.

A. W. M.

Rua C—, 5 de setembro de 1846.”

Este é um daqueles curiosos exemplos de ceticismo determinado que justificam plenamente a previsão do patriarca.

## A CAMPONESA POSSUÍDA

No ano de 1830, o Dr. Bardili teve um caso que reputou, decididamente, de possessão. A paciente era uma camponesa de 34 anos, que nunca havia tido qualquer enfermidade, e cujas funções corporais continuavam perfeitamente regulares enquanto os estranhos fenômenos, dos quais falarei, se manifestavam.

Devo observar que esta senhora era feliz em seu casamento, tinha três filhos, não era fanática e gozava da excelente reputação de mulher constante e diligente, quando, sem qualquer aviso ou causa perceptível, ela foi tomada pelas mais extraordinárias convulsões, enquanto de seu interior saía uma estranha voz, que se acreditava ser de um espírito maligno, que anteriormente revestira-se de uma forma humana.



Quando esses ataques ocorriam, ela perdia totalmente sua identidade e se tornava uma outra pessoa. Mas, quando voltava a si, recobrava completamente a seu entendimento e personalidade. As blasfêmias e maldições, assim como os latidos e guinchos que proferia, eram terríveis. Ela estava gravemente ferida em razão das violentas quedas e fortes pancadas que aplicava em si mesma. E quando desfrutava de alguns instantes de alívio, não podia fazer nada além de chorar pelo que lhe diziam haver acontecido e pelo estado em que se encontrava. Além disso, ela foi reduzida a um esqueleto, pois, quando tentava comer, a colher girava em sua mão e, por isto, passava sem se alimentar vários dias seguidos.

Essa aflição durou três ano. Todos os remédios eram inócuos, e o único alívio que sentia proporcionava-o as orações contínuas e fervorosas daqueles que a cercavam.

Embora aquele demônio detestasse as orações, e se opusesse violentamente a que ela se ajoelhasse, forçando-a a ter acessos de riso ultrajantes, ainda assim as orações exerciam o poder sobre ele. É surpreendente que a gravidez, o resguardo e a amamentação de seu filho não exerceram a mínima diferença na condição dessa mulher: tudo aconteceu regularmente, mas o demônio não abandonava o seu posto.

Por fim, magnetizada, a paciente caiu em um estado parcialmente sonâmbulo, em que se ouvia, vindo dela, uma voz diferente, que na verdade era a de seu espírito protetor. Essa voz a encorajou ter paciência e esperança, prometendo-lhe que o hóspede malévolo seria obrigado a abandonar o seu abrigo. Ela frequentemente caía em um estado magnético sem a ajuda de um magnetizador. Ao final de três anos, ela estava totalmente curada e melhor do que nunca.



## A PEQUENA POSSUÍDA DE STEINBACH

Bárbara Rieger, uma garotinha de dez anos de Steinbach, estava possuída por dois espíritos, que falavam em dois dialetos diferentes, com distintas vozes masculinas.

Um dos espíritos afirmava que havia sido pedreiro; o outro se apresentava como um magistrado eclesiástico falecido; este último era o pior dos dois. Quando os espíritos falavam, a criança fechava os olhos e, quando tornava a abri-los, nada sabia do que eles haviam dito.

O pedreiro confessou ter sido um grande pecador, mas o magistrado era orgulhoso e empedernido, e nada confessava.

Muitas vezes, pediam comida, e a obrigavam a comer, mas estes bocados não alimentavam a criança, pois, quando

esta voltava a si, mostrava-se muito faminta.

O pedreiro gostava muito de conhaque e bebia muito; e, se não o trouxesse quando ele pedia, sua fúria e rugidos eram terríveis. Mas a criança, quando no domínio de sua personalidade, tinha a maior aversão a essa bebida.

Trataram-na com remédios para vermes e outras doenças, mas sem qualquer eficácia; até que, por fim, o pedreiro foi expulso pelo magnetismo. O magistrado mostrou-se mais pertinaz, mas, finalmente, o magnetismo o subjuguou, e a garota se restabeleceu plenamente.

## UMA ESTRANHA APARIÇÃO

O Sr. Miles Peter Andrews estava em sua casa, em Dartford, quando Lord Littleton, seu amigo íntimo, faleceu em Pittplace, Epsom, a trinta milhas de distância.

Na ocasião, a residência do Sr. Andrews estava repleta de convidados, e ele esperava que Lord Littleton, a quem havia deixado em seu estado normal de saúde, se juntasse ao grupo no dia seguinte, um domingo.

O Sr. Andrews, sentindo-se bastante indisposto na noite de sábado, retirou-se cedo para dormir, e pediu à Sra. Pigou, uma de suas convidadas, que fizesse as honras da mesa do jantar.

Ele admitiu (pois ele mesmo é uma autorizada testemunha nesta história) que, ao deitar-se, caiu em um sono febril, mas foi acordado, entre as onze e as doze horas da noite, por alguém abrindo as

suas cortinas. O Sr. Andrews reconheceu naquela figura o amigo Lord Littleton, que então usava uma touca e roupas de dormir.

Lord Littleton afirmou que viera para dizer-lhe que tudo estava acabado.

Parece que Lord Littleton era chegado a umas brincadeiras, e, como o Sr. Andrews não tinha nenhuma dúvida de que seu visitante era o próprio Lord Littleton, em carne e osso, supôs que aquilo era mais um de seus gracejos. E, esticando o braço para fora da cama, apanhou o mais próximo de seus chinelos e o arremessou contra o amigo. Então, a figura se retirou para um vestiário, cujo acesso somente era possível através do dormitório.

Diante disso, o Sr. Andrews pulou da cama para persegui-lo, com a intenção de castigá-lo ainda mais, mas não conseguiu encontrar viva alma em lugar nenhum, embora a porta do

dormitório estivesse trancada por dentro.

Então, tocou a campainha e perguntou se alguém vira Lord Littleton. Ninguém o tinha visto. Conquanto a entrada e a saída de Lord Littleton em seu quarto representassem um enigma, o Sr. Andrews afirmou que o amigo certamente estava em sua casa. E, zangado com a suposta burla, ordenou que não lhe dessem cama, mas o deixassem ir dormir na pousada. No entanto, Lorde Littleton não apareceu mais, e o Sr. Andrews voltou a dormir, sem nutrir a mínima suspeita de ter visto uma aparição.

Aconteceu que, na manhã seguinte, a sra. Pigou teve a oportunidade de ir bem cedo a Londres. Lá estando, grande foi seu espanto ao saber que Lorde Littleton morrera na noite anterior. Imediatamente, despachou um telegrama para Dartford com a notícia do falecimento de Lorde Littleton.



Quando recebeu a mensagem, o Sr. Andrews, até então perfeitamente saudável, ao lembrar-se de tudo o que havia acontecido, desmaiou.

Embora não encontrasse uma explicação para o ocorrido, aquele acontecimento produziu um grave feito em seu espírito. E, para usar sua própria expressão, não voltou, por três anos, a ser dono da própria razão.

## A SINGULAR REALIZAÇÃO DE UM SONHO FATÍDICO

Uma carta de Hamburgo contém uma singular história sobre a realização de um sonho fatídico.

Certa manhã, um aprendiz de serralheiro informou ao seu mestre, Claude Soller que, na noite anterior, tivera um sonho no qual era assassinado na estrada para Bergsdorff, uma pequena cidade a cerca de duas horas de distância de Hamburgo.

O mestre riu da credulidade do rapaz e, para provar que não acreditava em realizações de sonhos, insistiu em mandá-lo para Bergsdorff com cento e quarenta táleres devidos ao cunhado, que residia naquela cidade.

O aprendiz, depois de implorar, em vão, ao seu mestre que mudasse de ideia,

foi compelido a partir por volta das onze horas.

Ao chegar à aldeia de Billwaerder, a meio caminho entre Hamburgo e Bergsdorff, o jovem, aterrorizado, recordou do sonho que tivera. Todavia, reconheceu o prefeito da aldeia a uma pequena distância, que, então, estava a conversar com alguns de seus empregados. Abordou-o e, após relatar-lhe o seu sonho singular, solicitou-lhe que, por trazer dinheiro consigo, um de seus operários tivesse a permissão de escoltá-lo e protegê-lo ao longo de um pequeno bosque pelo qual deveria passar.

Sorrindo, o prefeito ordenou a um de seus homens que acompanhasse o jovem aprendiz.

No dia seguinte, alguns camponeses levaram o cadáver do rapaz ao prefeito, juntamente com uma foice encontrada ao seu lado, e com a qual a

garganta do jovem assassinado fora rasgada.

O prefeito reconheceu, imediatamente, a ferramenta como aquela que, no dia anterior, havia dado ao empregado, que servira de guia ao aprendiz, para a poda de alguns salgueiros.

O empregado foi preso e, ao ser confrontado com o corpo de sua vítima, confessou plenamente o crime, acrescentando que fora a narrativa do sonho o que o havia induzido a perpetrar o ato terrível.

O assassino, de trinta e cinco anos, é natural de Billwaerder e, antes do cometimento do homicídio, sempre tivera um caráter irrepreensível.

## OS FILHOS MORTOS DO SR.

B—

O Sr. B— conhecido meu — informou-me que, há alguns anos, perdeu dois filhos, com um intervalo de dois anos entre as mortes. Quase o mesmo intervalo decorrera desde a morte do segundo filho, quando ocorreu a circunstância que irei relatar. Pode-se conceber que, àquele lapso temporal, por mais vívida que tenha sido, a princípio, a impressão deixada pelos falecimentos, aqueles incidentes haviam desaparecido consideravelmente da mente de um homem dedicado aos próprios negócios. O Sr. B— me garante que, na noite em que ocorreu o evento, ele não estava pensando nas crianças; estava, além disso, perfeitamente bem e não comeu nem bebeu nada incomum, nem se absteve de comer ou beber

qualquer coisa de que estava acostumado. Encontrava-se, portanto, em seu estado normal.

Sucedeu que, pouco depois de se deitar na cama, e antes de adormecer, o Sr. B— ouviu a voz de uma das crianças a gritar:

—Papai! Papai!

—Você ouviu isso? — ele disse à esposa, deitada ao lado dele. —Ouço Archy me chamando, tão claramente quanto já o ouvi em minha vida!

—Absurdo! — redarguiu a senhora. — É tudo imaginação sua!

Todavia, ele ouviu, novamente, o chamado:

—Papai! Papai!

Agora, eram duas vozes que gritavam.

— Não aguento mais isso! — exclamou o Sr. B—.

O marido se levantou e, abrindo as cortinas, viu as duas crianças em suas roupas de dormir, de pé, perto da cama.

Imediatamente, Sr. B avançou. As crianças recuaram lentamente. Com os voltados para o pai, seguiram à janela, onde desapareceram.

Sr. B— afirma que, à época, o singular evento o impressionou imensamente. E, de fato, aquele fora um incidente que nunca poderia ser suprimido de sua memória; mas ele não sabia o que pensar de tudo aquilo, porquanto nunca acreditara em fantasmas. Assim, concluiu que o incidente devia ser o resultado de alguma ilusão espectral extraordinária, especialmente porque a sua esposa, naquela noite, nada ouviu. Pode ter sido assim; mas essa circunstância de forma alguma prova que assim o foi.

## A DÍVIDA PÓSTUMA

O falecido Sr. L— — St. — — deixou este mundo com excelente reputação. Ao morrer, era o superintendente de uma instituição para assistência aos pobres em B— —.

Seu filho herdou os seus bens e, em reconhecimento aos fiéis serviços da antiga governanta do pai falecido, ele a recebeu em sua família e a estabeleceu em uma casa de campo que integrava a sua herança, a poucos quilômetros de B— —.

Estava a governanta ali recém-instalada, quando foi acordada no meio da noite. Embora não soubesse explicar o que via, contemplou um homem alto, de abatida fisionomia, que se lhe tornou visível através de uma luz que parecia emanar da própria aparição.

A senhora puxou a roupa de cama sobre a cabeça; mas, como esta aparição



lhe aparecia repetidamente, ficou tão alarmada que a mencionou a seu patrão, implorando permissão para renunciar à sua situação.

Ele, no entanto, riu dela — disse-lhe que devia ser tudo imaginação — — e prometeu dormir no quarto contíguo, para que ela pudesse chamá-lo sempre que esse terror a dominasse.

Assim foi feito. Mas, quando o espectro voltou, a senhora estava tão oprimida de horror que achou impossível erguer a voz. O patrão, então, a aconselhou a investigar a razão daquelas visitas.

Eis o que ela fez. Tendo o espectro acenado para que o seguisse, a mulher, depois de muito hesitar, concordou. Em seguida, o fantasma desceu alguns degraus até uma passagem, onde apontou para um armário escondido. A mulher entendeu, pelos sinais que a aparição fazia, que ela deveria abri-lo. Ela fez menção de que não tinha

chave. Aparição descreveu-lhe, em palavras suficientemente articuladas, onde a senhora encontraria uma chave.

A mulher obteve a chave e, ao abrir o armário, encontrou um pequeno embrulho. Desejava aquele espírito que ela o encaminhasse ao presidente da instituição para pobres, em B— —, com condição de que o conteúdo fosse aplicado em benefício dos internos. O seu gesto implicava uma restituição e aquela devolução era o único meio pelo qual poderia obter descanso e paz no outro mundo.

Tendo mencionado essas circunstâncias patrão, este a orientou a fazer o que desejasse. A governanta levou o pacote ao presidente da instituição e o entregou. Não esclareceu, todavia, por que meio o pacote havia chegado a suas mãos. Seu nome foi registrado nos livros e ela foi dispensada.

Mas, depois que a mulher se foi, descobriram, para sua surpresa, que o pacote continha um pedido de trinta mil florins. Era o montante correspondente à quantia que falecido Sr. St. — — havia defraudado a instituição e convertido para seu próprio uso.

O Sr. St. — —, Jr. foi, agora, chamado a pagar a quantia desviada, o que ele se recusou a fazer. O caso foi, finalmente, encaminhado às autoridades. A governanta acabou presa. Ela e o patrão foram confrontados no tribunal, onde ela detalhou as circunstâncias pelas quais o pacote chegou ao seu poder.

O Sr. St. — —, Jr. negou a possibilidade de tal coisa, declarando que tudo não passava, a final de contas, de uma invenção daquela senhora.

De repente, enquanto fazia essa defesa, o Sr. St. — —, Jr sentiu um golpe no ombro, que o fez se sobressaltar e

olhar em volta, e no mesmo instante a governanta exclamou:

—Veja! lá está ele, agora! Lá está o fantasma!

Ninguém percebeu o espectro, salvo a própria mulher e o Sr. St. — —, Jr. Mas todos os presentes ouviram as seguintes palavras:

— Meu filho, repare a injustiça que cometi, para que eu possa ficar em paz.

A quantia foi paga; e o Sr. St. — —, Jr. ficou tão afetado por este doloroso incidente que foi acometido por uma doença grave, da qual se recuperou com dificuldade.

## REPARAÇÃO *POST MORTEM*

O Dr. Bretton — que fora, no final da vida, nomeado reitor de Ludgat —, havia morado anteriormente em Herefordshire, onde se casou com a filha do Dr. Santer, uma mulher de grande piedade e virtude.

Esta senhora morreu. Certa feita, estava Alice, uma ex-empregada da falecida — a quem a criada, agora casada, era muito apegada —, a amamentar o filhinho em sua rústica vivenda. A porta se abriu e uma senhora, cópia fiel da Sra. Bretton no vestuário e aparência, entrou.

— Se a minha senhora não estivesse morta — disse a mulher —, eu diria que você é ela!

Ao que a aparição lhe disse que era, sim, e pediu-lhe que viesse com ela, pois tinha algo de suma importância a lhe dizer. Alice objetou, muito assustada,

aquela proposta, e pediu-lhe que se dirigisse ao Dr. Bretton. Mas a Sra. B. respondeu que tinha se esforçado em fazê-lo, e tinha estado várias vezes no quarto do Dr. Bretton para esse propósito, mas ele ainda dormia. Disse-lhe que não tinha o poder de fazer mais para acordá-lo, senão descobrir-lhe os pés.

Alice, então, alegou que não tinha ninguém para deixar com seu filho. A Sra. B., contudo, prometeu que a criança dormiria até o seu retorno. Finalmente, Alice rendeu-se ao chamado. A aparição a levou a um grande campo. Lá, pediu à ex-empregada que observasse a área que ela media com os pés. E, tendo feito uma volta considerável, pediu à mulher partisse e contasse ao seu irmão que toda aquela porção de terra, que havia circunscrito, havia sido indevidamente subtraída aos pobres pelo pai, e que o irmão deveria restituí-lo aos verdadeiros donos. Disse, ademais, que estava

seriamente preocupada com isso, pois seu nome havia sido usado na transação.

Alice, então, perguntando como ela deveria demonstrar ao cavalheiro a veracidade de sua missão, a Sra. B. mencionou-lhe uma circunstância conhecida apenas por ela e pelo irmão. O espectro, então, conversou bastante com a mulher e deu-lhe muitos bons conselhos. Lá permaneceu até que, escutando o som dos sinos de cavalos, disse:

— Alice, não devo ser vista por ninguém, além de você.

Então, desapareceu.

Diante disso, Alice dirigiu-se ao Dr. Bretton, que admitiu ter realmente ouvido alguém rondando seu quarto, de uma maneira que não conseguia explicar.

Ao mencionar o incidente ao irmão da falecida, este riu muito, até que Alice participou-lhe o segredo que constituía as suas credenciais. Ele, então, mudou

de tom e se declarou pronto para fazer a devida restituição.

Parece que o Dr. Bretton não fez segredo desta história, uma vez que a relatou a várias pessoas.



# CRÉDITOS

Título: Histórias de Fantasma.

Autora: Catherine Crowe (1803 – 1876).

Tradutor: Paulo Soriano

Editora: Free Books Editora Virtual.

Ano de Publicação: 2023.

© da tradução: Paulo Soriano, 2023.

